

O voo do namorado

→ **Classificação:** Lendas e Mitos

→ **Assunto:** Relato de um homem que foi lançado pelos ares por qualquer força demoníaca.

→ **Região:**

- **Distrito:** Porto
- **Concelho:** Póvoa de Varzim
- **Localidade:** Póvoa de Varzim
-

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Ti Desterra
- **Data de nascimento:**
- **Residência:** Póvoa de Varzim

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:02:42

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Janeiro 2011
- **Palavras:** 462

O voo do namorado

Essa minha tia contava esta história na mesma ilha, porque nasceram ali. Está a ver, o meu pai nasceu em 1892 e nasceu naquela casa, que um dia, depois, eu também lá nasci. Antigamente não se ia para os hospitais, as mulheres tinham os filhos em casa.

E então essa minha tia namorava com um rapaz. Namorava com um rapaz e o rapaz ia namorar lá a casa – aí está, no postigo. E a minha tia dizia assim para ele:

- Vai-te embora. Vai-te embora... -aquilo não era todos os dias que aparecia. -
Vai-te embora.

- Embora o quê? Estás maluca? Tenho medo de alguma coisa?

- Vai-te embora. Vai-te embora... -dizia ela.

Mas o rapaz não queria ir embora. Ela pressentiu alguma coisa que vinha de cima, abre a porta, pega nele – pumba: para dentro de casa. E fecha a porta. E ela disse:

- Não vais embora, ficas aqui.

- Tu estás maluca? Ficar na tua casa? Ficas difamada!

- Eu não quero saber. O meu pai e a minha mãe estão ali e eu vou para a minha cama. O meu pai e a minha mãe sabem que tu ficas aqui. E tu não és burro de subires as escadas, que eles matam-te.

Sim, que para mais a minha tia não estava sozinha. Não o matavam, tiravam-lhe o pescoço fora. Tiravam-lhe o pescoço fora! E o rapaz... Mas o rapaz, claro, com aquela coisa de... Não queria dizer à rapariga que tinha medo. Disse:

- Não, eu vou-me embora, eu vou-me embora. -ficou ali um bocado mas foi-se embora.

Foi-se embora. Chegou à quina da ilha... O rapaz era do Sul, era aqui da beira da Lapa. Ele tinha que virar para a... para a rua que vai direita ao Carvalhido... na rua

do Carvalhido, que é a Rua Elias Garcia que vai depois direita às esplanadas. E ele foi por o ar até chegar à Rua Elias Garcia. Na esquina, pumba: os pés no chão. Os pés no chão... O homem... De socos, que eles usavam socos, os pescadores usavam socos: pimba, com os pés no chão. Viu a rua cheia de carneiros. Só via carneiros. E ele não tinha por onde passar. Mas tinha que passar, não podia ficar parado. Ele enxuta¹ corno para aqui, enxuta corno para acolá, cheio de medo, a tremer – faz uma pequena ideia... Mas lá foi passando por o meio deles. Até que correu aqueles carneiros todos. Quando se apanhou livre, tira os socos dos pés – ó pernas, para que te quero! Nunca mais apareceu à minha tia. Nunca mais na vida aquele homem apareceu à minha tia. Diz que:

- Fica-te, que nunca mais na minha vida! Mulher seja ela!

Isso era o que ela contava.

¹ Enxota.